

# **Contando minha história: uma descoberta enquanto mulher negra, acadêmica e ancestral..**

**Mayara Mychella Sena Araújo**

Lugar Comum / FAUFBA

## **Contando minha história: uma descoberta enquanto mulher negra, acadêmica e ancestral...**

### **Resumo:**

Considerando as inúmeras realidades que atravessam a construção, conhecimento e reconhecimento do ser negra, neste ensaio pretendo construir uma narrativa em torno de minha descoberta enquanto mulher negra, processo iniciado no ingresso da docência no ensino superior de uma universidade pública, atravessado pela ancestralidade/espiritualidade ligadas à Umbanda e ratificado com o acesso e leitura de uma literatura de autoras negras. Para tal, portanto, reivindico aquela parte de mim que eu não sabia que existia, meu desconhecimento a rejeitou, a abandonou e reconstruiu esses "pedacinhos" de mim. Este processo, narrado aqui a partir do que chamo de atos (como nas divisões de uma peça ou texto teatral) que formam esta narrativa, acredito que me permitirá uma reconciliação comigo. No primeiro ato, descrevo o processo inicial de me descobrir uma mulher negra, que a ancestralidade convocou para o trabalho. No segundo ato, narro meu encontro com a Umbanda e com a minha espiritualidade a partir da religião. No terceiro ato, reconheço em mim a espiritualidade que me move e que me forma não só como mulher negra, mas como acadêmica negra e ancestral. Por fim, finalizo esta narrativa no quarto ato reconhecendo em mim as inquietações, despertares, aceitações que não terminam com este texto. Embora, esta narrativa deva me fazer inteira novamente.

**Palavras-chave:** mulher negra; espiritualidade; ancestralidade.

## **Contando mi historia: un descubrimiento como mujer negra, académica y ancestral...**

### **Resumen:**

*Considerando las innumerables realidades que atraviesan la construcción, el conocimiento y el reconocimiento del ser negra, en este ensayo pretendo construir una narrativa en torno a mi descubrimiento como mujer negra, proceso iniciado en el ingreso a la docencia en la educación superior en una universidad pública, atravesada por la ancestralidad/espiritualidad ligada a la Umbanda y ratificada con el acceso y lectura de una literatura de autores negros. Para ello, pues, reclamo esa parte de mí que no sabía que existía, mi ignorancia la rechazó, la abandonó y reconstruyó estos "pedacitos" de mí. Este proceso, narrado aquí a partir de lo que llamo los actos (como en las divisiones de una obra de teatro o de un texto teatral) que forman esta narración, creo que me permitirá reconciliarme conmigo misma. En el primer acto, describo el proceso inicial de descubrirme como una mujer negra, a quien la ancestralidad llamaba al trabajo. En el segundo acto narro mi encuentro con la Umbanda y con mi espiritualidad basada en la religión. En el tercer acto, reconozco en mí la espiritualidad que me mueve y que me forma no solo como mujer negra, sino como académica negra y ancestral. Finalmente, termino esta narración en el cuarto acto reconociendo en mí las inquietudes, los despertares, las aceptaciones que no terminan como este texto. Esta narración debe hacerme estar completa de nuevo.*

**Palabras clave:** mujer negra; espiritualidad; ancestralidad.

## **Telling my story: a discovery as a black woman, academic and ancestral..**

### **Abstract:**

*Considering the innumerable realities that cross the construction, knowledge and recognition of being black, in this essay I intend to build a narrative around my discovery as a black woman, a process initiated in the entrance of teaching in higher education at a public university, crossed by ancestry /spirituality linked to Umbanda and ratified with the access and reading of a literature by black authors. For this, therefore, I claim that part of me that I didn't know existed, my ignorance rejected it, abandoned it and reconstructed these "little pieces" of me. This process, narrated here from what I call the acts (as in the divisions of a play or theatrical text) that form this narrative, I believe will allow me to reconcile with myself. In the first act, I describe the initial process of discovering myself as a black woman, whom ancestry called to work. In the second act, I narrate my encounter with Umbanda and with my spirituality based on religion. In the third act, I recognize in myself the spirituality that moves me and that shapes me not only as a black woman, but as a black academic and ancestor. Finally, I end this narrative in the fourth act with recognizing in myself the concerns, awakenings, acceptances that do not end like this text. This narrative must make me whole again.*

**Keywords:** *black woman; spirituality; ancestry.*





## Introdução

Neste ensaio pretendo construir uma narrativa em torno de minha descoberta enquanto mulher negra, processo iniciado no ingresso da docência no ensino superior de uma universidade pública, atravessado pela ancestralidade/espiritualidade ligadas à Umbanda e ratificado com o acesso e leitura de uma literatura de autoras negras.

Certamente que ao enfatizar temas que tentam retratar a experiência de uma mulher que se descobre negra, sem que seja a narração de uma história mais convencionalmente acadêmica, posso despertar no leitor um certo desconforto ou uma intenção de padronização, tal como sugere bell hooks “[...] é possível que muitas de nós padronizemos nosso trabalho depois de ver a ficção daquelas escritoras que têm sido publicadas [...]” (2019a, p. 294). Mas seria isso uma vontade de afirmação e garantia de representatividade em espaços cujas trajetórias de vida pessoais quase nunca são notadas?

No caso deste ensaio, a intenção é muito maior do que ser aceita com um trabalho “experimental” pelo leitor, se trata de voltar ao passado e me deleitar no presente para construir uma narrativa, cuja perspectiva é propiciar autocrescimento, conhecimento e mudança de posicionamento quanto às histórias de vida privada que se interconectam com a profissional e a dimensão do não visível – o ancestral. Sendo que nossas histórias de vida pessoais e de conexão com o espiritual muitas vezes são negligenciadas, postas de lado, quando não desconsideradas ou tratadas em consultórios de psiquiatria e psicoterapia, pelo medo/receio de nos expressarmos, inclusive na escrita acadêmica, quanto às experiências que podem ser catalisadoras do considerado “sucesso” profissional.

Nesse sentido, ainda que entenda que existirão vários outros começos ao longo deste texto, inicio apontando que ao fazer uso da primeira pessoa nesta escrita ao mesmo tempo que me coloco no lugar de quem escreve a partir do que viveu e está vivendo, trago um tom mais informal ao texto. Recurso que pode me aproximar do leitor, torna a narrativa um passar a limpo da história de vida e uma eventual contribuição àquelas que, como eu, se depararam com questões que pareciam apenas delas, e não eram.

É oportuno sinalizar que as inquietações que fazem parte deste material se referem a despertares e como tal seguem ao anseio de narrar um processo que além de em construção também é simbólico. Afinal, ao partilhar minhas descobertas, experiências, aprendizados não o farei como uma narração unidirecional cronologicamente lembrada, e sim como uma conversa comigo mesma. Por isso, o desejo não será o de precisão de fatos, mas o de “[...] evocar na escrita o estado de espírito, o espírito daquele momento particular” (hooks, 2019a, p. 319).

Apesar disso, não posso desconsiderar outro adendo de bell hooks quanto a existência “[...] do modismo da nova mercadoria que estimula muito do interesse atual na escrita de mulheres negras [...]” (2019a, p. 291). Se para ela existe esse modismo, em paralelo há o objetivo de promover a conscientização da existência e da importância das autoras negras. Isso porque seu sucesso não lhes assegura visibilidade ao longo dos anos, muito menos o de outras que possam surgir, por isso é que elas devem “agarrar as oportunidades com unhas e dentes” (hooks, 2019a).

E para mim, não é diferente, para além de autocrescimento, conhecimento e mudança de posicionamento é latente a necessidade de não apenas me reconhecer, como também me aceitar como mulher negra, não pela autopromoção, mas para de alguma maneira me fazer ouvida por esse sistema perverso que ao longo dos anos descoloriu sua população, com vistas a desmobilizar o reconhecimento e a união entre aquelas com traços de africanidade e tornou um “defeito” ter cor.

Aqui peço licença para mencionar de onde vem a ideia de “Um defeito de cor”. Vem de Ana Maria Gonçalves, que numa das passagens de seu romance assim intitulado, relata as possibilidades de vida para o personagem Banjokô<sup>1</sup>, que sendo criado pela “sinhá”, poderia ser enviado para ser padre, e embora “mulato”, pela influência de sua “dona”, poderia ter “[...] uma dispensa do defeito de cor, que não permitia que os pretos, pardos e mulatos exercessem qualquer cargo importante na religião, no governo ou na política” (GONÇALVES, 2006, p. 337).

As pressões impostaspela distinção entre negras claras e retintas, fruto de uma cruel dinâmica de relações de poder, de algum modo, repercutem nesta narrativa. Afinal, até 2020, me considerava parda e ao escrever este ensaio é como se me justificasse do porquê escrevo, como sendo uma espécie de: Olhe! Preste atenção! Apesar das inúmeras ressalvas, vale a pena ir adiante! É como se estivesse pedindo licença a mim mesma e me autorizando a seguir, e dizer sou negra, acadêmica e ancestral, sim!

Para dar conta desta escrita, portanto, reivindico aquela parte de mim que eu não sabia que existia, meu desconhecimento a rejeitou, a abandonou e reconstruir esses “pedacinhos” de mim, a partir do que chamo de atos (como nas divisões de uma peça ou texto teatral) que formam esta narrativa, acredito me permitirá uma reconciliação comigo. Esta narrativa deve me fazer inteira novamente.

## 1º ato: quando o despertar acontece?

*“e quando falamos temos medo / de nossas palavras não serem ouvidas / nem bem-vindas / mas quando estamos em silêncio / ainda assim temos medo / É melhor falar então”  
(Audre Lorde<sup>2</sup> apud. hooks, 2021, p. 19).*

Se “[...] o silêncio não irá nos salvar, [...] superar o medo de falar é um gesto necessário” (hooks, 2021, p. 19), afinal precisamos aprender a usar nossa voz para um dizer comprometido. Por isso, não precisamos nos aprisionar com nossas inquietações apenas dentro da gente ou dividindo-as com um grupo seletivo – amigos ou psicoterapeuta, entender que embora “[...] os ‘sistemas interligados de dominação’, definiam não apenas quem podia falar e onde falar, mas sobretudo o conteúdo desse dizer” (ALMEIDA, 2021, p. 11) é tão salutar quanto romper com essas hierarquias construídas sob as diferenças de raça, classe e gênero.

Nesse sentido, se o “pessoal é político” (ALMEIDA, 2021), escrever sobre aspectos íntimos, indo no sentido inverso daquele que o “treinamento” acadêmico nos ensinou – de não focarmos no privado e mantermos sempre o erudito – pode articular voz, coragem e compromisso. E ao fazê-lo mesmo que possamos cair em armadilhas que nos rotulem, nossa ética em trazer à tona dimensões da vida pessoal deve sublinhar tanto a importância desse conteúdo como uma “rebelião” consciente que nos propomos provocar, ao romper silêncios e celebrar o alcance de nossa voz (ALMEIDA, 2021; hooks, 2021).

Por isso, este ato intitulado “Quando o despertar acontece?” não se trata apenas de uma ruptura, como se a partir de um determinado momento tudo tivesse se transformado. Se refere à descrição de um processo inicial de me descobrir uma mulher negra, que a ancestralidade convocou para o trabalho. Como tal, muito provavelmente não se encerrará aqui. Além disso,

---

1 Filho da protagonista Kehinde e fruto do estupro por ela sofrido pelo “seu senhor”.

2 “A Litany for Survival” – Uma litania por sobrevivência.



ainda não é aqui que a mulher negra vai se encontrar e se aceitar, é mais adiante, no terceiro ato – “O desvelar de uma mulher negra, acadêmica e ancestral”.

Entretanto, tudo começou em 2017, quando ingressei no ensino superior de uma universidade pública. Se for bem sincera comigo mesma e com você, tudo já tinha se iniciado quando ainda era criança, com as doenças cujos diagnósticos médicos nunca foram concretos ou com os amigos imaginários – incluindo um tio materno e o avô paterno, àquela época recém falecidos – com os quais conversava e sinalizava presença. Todavia, a educação católica somada ao descrédito da família em torno da existência de vida após a morte transformou essas experiências em “coisas de criança com imaginação fértil”. A adolescência marcada pelo isolamento, certo silêncio e total aprofundamento em filmes, leitura de romances e debruçar sobre os estudos tinham dois objetivos. O primeiro, me fazer notada pelos colegas de sala – com assuntos e histórias diversas oriundas tanto dos momentos de lazer quanto daqueles de total envolvimento com as matérias da escola – o outro, de fugir dos sonhos e dos acontecimentos que sempre chamei de “coincidências”.

Foi já na vida adulta que essas “coincidências” se intensificaram. A voz masculina e grave que soava frases no ouvido direito como “essa é última vez que você a vê neste estado de contemplação” – em referência a minha tia grávida de sete meses, que deitada no sofá da sala de minha avó materna, acariciava a barriga à espera de meu afilhado, que três noites depois veio a este mundo, em parto prematuro, e (in)felizmente não teve nem um dia de vida neste plano. Ou, quando ao compartilhar o mesmo quarto que minha avó paterna, sentia algo estranho e não conseguia dormir, ao mudar de quarto sonhei com ela vomitando e pedindo ajuda e pela manhã, ela teve um infarto comigo e a moça que tinha acabado de chegar ao apartamento para fazer a limpeza. Ou, quando também sonhei com meu pai se afogando e pedindo socorro e acordei com o telefone tocando e um amigo dele anunciando que ele acabara de sofrer um AVC e precisava de socorro para emergência médica. Ou, quando fui fazer uma fotografia de minha mãe, a mãe dela e minha sobrinha, no aniversário dessa última, e aquela mesma voz taciturna soprou “essa é última vez que você as vê assim juntas”, dessa vez tão forte e solene que cheguei a abanar a orelha, como se assim pudesse afugentá-la e também o que estivesse por vir, cerca de 20 dias depois minha avó se foi. Não sem antes – entre os 15 dias, de seu infarto e desencarne deste plano – ela ter me permitido vivenciar em sonhos ou visões que incluíam desde o aviso da partida, ao pedido de cuidados entre os que ficavam até o compartilhar da mesma dor forte no coração na exata hora de sua saída deste plano.

Esses episódios aconteciam e mesmo tão evidentes para qualquer estudioso, simpaticante ou adepto das visões mais espiritualistas de mundo, que certamente diriam não se tratar apenas de “coincidências”, para mim, sim, tudo continuava sendo “coincidência”. E por quê? Porque “[...] aprendi cedo que apenas o trabalho da mente importava, que qualquer cuidado com a alma, com o espírito, teria de acontecer num espaço privado, quase em segredo” (hooks, 2021, p. 268). E o que ouvia em casa, embora contraditório com o que tive que seguir, era que religião era “imposição de identidade” ou “a doutrinação de crenças”, mesmo assim fui batizada, fiz catequese, primeira eucaristia na igreja católica. Só que adulta transgredi a tudo isso, não por rebeldia ou consciência do que queria, mas porque não via sentido na missa aos domingos, no discurso do padre, achava que rezando em casa estava bem. Foi assim ou diante de tudo que ano após ano acontecia, fui a diversos centros espíritas, igrejas evangélicas, buscava acalmar meu coração, sonhos e a aquela voz, que vez ou outra se apresentava, mostrando que estava sempre ali, mesmo quando achava que já não existia mais.

Finalmente, em 2017, inicio um novo capítulo na minha vida profissional, após aprovada em concurso público, começo a lecionar. Seria oportuno mencionar que a faculdade na qual trabalho se localiza a poucos metros de um terreiro voltado ao culto de religião de matriz africana? Acredito que sim, afinal a ancestralidade deve ter marcado em seu relógio do tempo o momento da convocação, e provavelmente não seria à toa dita localização, devia ter chegado a hora de trabalhar, não apenas neste plano. Certamente, de alguma maneira, essa proximidade deve ter potencializado esse florescer/despertar.

Como já sinalizei, ao longo de toda minha vida, incluindo a de experiência universitária, tanto nos anos de graduação quanto nos de pós-graduação, a espiritualidade nunca se apresentou para mim como o lugar em que as conexões aconteciam. Pelo contrário, as ideias de que o sucesso profissional advém de que o pensador crítico é insensível e sem coração, com o pressuposto de que, “se o coração estiver fechado, a mente se abrirá ainda mais” (hooks, 2021, p. 270) foi o que sempre norteou e validou meu caminhar, e os demais acontecimentos não passavam de “coincidências”.

Quando, em sala de aula ou nos ambientes coletivos de trabalho – reuniões, encontros ou fóruns de discussão – comecei a notar que era influenciada pela energia que ali circulava, não entendia exatamente do que se tratava. Oras era o repentino descontrole emocional, em outras o sono, o cansaço extremo, pequenas coisas incomodavam ou mudavam meu estado de presença e equilíbrio. Não sabia do que se tratava, e a conta agora não era mais a da “coincidência”, e sim a da instabilidade emocional em virtude do novo caminho. Era tudo muito mais estressante e complexo do que imaginava, a cobrança interna pela perfeição, minha luta diária pela aceitação dos estudantes em sala de aula e a validação de meu lugar pelos colegas de trabalho era tamanha, que oportunamente foi no consultório de psicoterapia onde comecei a tratar dessas inquietações.

Só que, em paralelo, tinham os sonhos, lembram? Já falei deles. Aconteciam absolutamente todas as noites, incluindo aquelas em que achava que nem tinha dormido, ou que simplesmente não sabia diferenciar o que era sonho e o que era real. Foi assim que sonhei, em 2018, que durante uma aula incorporava<sup>3</sup> e caía no meio da sala, quando era acolhida por uma amiga, que tinha conhecido há dois anos, em 2016.

Três ou quatro dias depois, vejam só, uma estudante cujos processos espirituais também deveriam estar despertando, experiencia a incorporação em sala. Aquele momento, sem nem me lembrar do sonho que “indicava” o que aconteceria comigo, corri ao seu auxílio. Achei que ela estava tendo um ataque epilético, até que segurei suas mãos e seus olhos vidrados colaram nos meus, provocando um arrepio gélido que tomou conta do meu corpo e como se tivesse colocado as mãos numa tomada de eletricidade, um choque me fez petrificada em pé à frente dela. Esse momento se seguiu de um tremor no corpo, choro, dor profunda e completo descontrole emocional. Tentei manter o mínimo de compostura e fui buscar ajuda, afinal tinham os outros estudantes, eu não poderia me descontrolar, era a professora, precisava manter-me em equilíbrio. Isso tudo ressoou em segundos pela minha cabeça, com a racionalidade de quem teme a religião ou espiritualidade na educação:

‘Esse medo nos fez ignorar, em sala de aula (e na vida), a existência da esfera interior, da esfera de formação do espírito, de identidade espiritual’. Por ter vindo de um mundo negro segregado, no qual reivindicar identidade espiritual era um lugar de resistência crítica, um modo de se posicionar contra a desumanização racista, eu valorizo a vida espiritual (hooks, 2021, p. 267).

**3** Vale dizer que aquele momento não sabia o que era incorporação, e esse “aprendizado” só veio se tornar claro, um ou dois anos depois, como pontuarei no ato a seguir, o Encontro com a ancestralidade, a partir da Umbanda.



Apesar do que coloca hooks (2021), até ali eu não valorizava a vida espiritual, tampouco sabia me posicionar frente a ela, “fui treinada para manter todas as discussões sobre religião e espiritualidade fora da sala de aula” (hooks, 2021, p. 263). E, como assim poderia ali, na sala de aula, uma estudante estar vivenciando algo que é tão sutil, delicado e faz parte de um processo que é ao mesmo tempo individual e coletivo?

O fato é: aconteceu! E foi preciso que um grupo de colegas que melhor lidavam com a situação fosse pelas suas escolhas de vida pessoal e, por conseguinte suas crenças<sup>4</sup>, fosse pela própria experiência em sala de aula, interviessem e auxiliassem a estudante, a mim e aos demais estudantes que estavam ali na “plateia” assistindo a tudo, incrédulos, atônitos, em choque – pelo inesperado do acontecimento.

Depois deste dia, não tive mais notícias da estudante. Aqui faço uma confissão, com medo do que havia acontecido e já atormentada pela lembrança do sonho que havia tido, não a procurei. Uma perversidade? Sim, será o julgamento de muitos. Para mim, aquele comportamento de negligência era mais uma negação ou fuga.

Uma ou duas semanas mais tarde, uma das professoras que havia ajudado na situação, me procurou para saber como estávamos, eu e a estudante. Infelizmente, não sabia responder por ela, mas por mim, era um misto de desconexão e de tentativa de reconexão para seguir. Foi então que ela sinalizou, diante da confiança do sonho que havia tido – é importante dizer que não tinha qualquer relação de proximidade, além da profissional com a referida professora – que não era apenas a estudante quem precisava de “ajuda”, o que se apresentava para ela e também para mim, era que eu também precisava de auxílio. E muito provavelmente, essa ajuda não era apenas aquela que já tinha no consultório de psicoterapia, o despertar espiritual agora tinha culminado e precisaria cuidar, ou ancestralidade gostaria de cuidar?

## 2º ato: o encontro com a ancestralidade, a partir da umbanda

*A todos nós que [...] ousamos criar no dia a dia de nossas vidas espaços de reconciliação e perdão onde deixamos vergonhas, medos e mágoas no passado [...] (hooks, 2019b).*

Mesmo para bell hooks, uma das principais autoras e intelectuais negras<sup>5</sup> da atualidade, que abordou diversas temáticas em sua vasta obra, a partir de experiências e aspectos de vida íntimos, permeados pelas teorizações feministas e as de cunho conceitual e crítico, os temas religiosidade e espiritualidade são trazidos à tona em apenas três escritos<sup>6</sup> dos seis livros sobre os quais me debrucei.

---

<sup>4</sup> As crenças podem ou não dispensar a religião, mas não dispensam qualidades interiores e espirituais básicas – amor e compaixão, paciência, tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, de harmonia, de humildade e de fraternidade. Muitas vezes é durante os rituais e/ou orações, quando estaríamos diretamente ligados à nossa fé, que essas qualidades interiores emergiriam. Entretanto, não existe nenhuma razão pela qual um indivíduo não possa desenvolvê-las, até mesmo em alto grau, sem recorrer a qualquer sistema religioso ou metafísico. É a sua crença e valores que o leva a alcançá-las (hooks, 2021).

<sup>5</sup> Cujos estudos abordam a discussão sobre raça, gênero, classe e às relações sociais opressivas, com mais de 30 livros nos quais trata sobre arte, história, feminismo, educação e mídia de massa.

<sup>6</sup> ensinamento 13: espiritualidade na educação, em “Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança”; ensinamento 25: espiritualidade, em “Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática”; e, espiritualidade: o amor divino, em “Tudo sobre o amor: novas perspectivas”.

O que não lhe faltou foi ousadia tanto para potencializar a capacidade de interlocução e síntese de temas amplos e complexos, como para abordar a espiritualidade e a religião como força e forma de resistir à cultura do dominador, nos oferecendo alternativas às implicações da “mestiçagem” e sua origem violenta, que seguem exercendo forte papel em nossa sociedade patriarcal, classista, machista e racista (DEVULSKY, 2021; hooks, 2021).

Para hooks, essas alternativas se relacionam, de um lado, a enxergar a sala de aula também como “espaços de reconciliação”, onde as vergonhas, medos, mágoas e aflições são deixadas no passado, do mesmo modo que as “[...] armadilhas típicas da educação – competição, combate intelectual, obsessão por uma variedade restrita de fatos, créditos e credenciais [...]”, pois o que deveríamos buscar e alcançar seria “um modo de trabalhar que seja iluminado pelo espírito permeado pela alma” (hooks, 2021, p. 268). E de outro, ao citar Palmer, entende que a educação está ligada a cura e a totalidade, isso porque

tem relação com empoderamento, libertação, transcendência e renovação da energia vital. Está relacionada a reivindicar o nosso Eu e o nosso lugar no mundo. Quero explorar o possível significado de reivindicar o sagrado no cerne do conhecimento, do ensino e da aprendizagem – resgatá-lo de um modo de saber essencialmente depressivo, que valoriza apenas dados, lógica, análises e uma desconexão sistemática entre o Eu e o mundo, o Eu e os outros (Palmer apud hooks, 2021, p. 268).

Sendo assim, mesmo que esta narrativa não pretenda se esgotar, tampouco dar conta de discussões teóricas mais específicas, ao tratar neste ato sobre “O encontro com ancestralidade, a partir da Umbanda”, soa como pertinente – inclusive porque fez parte desse processo de descobertas e despertares – mencionar que religião e espiritualidade não são a mesma coisa.

Considero que a **religião** esteja relacionada com a crença no direito à salvação pregada por qualquer tradição de fé, crença esta que tem como um de seus principais aspectos a aceitação de alguma forma de realidade, metafísica ou sobrenatural, incluindo possivelmente uma ideia de paraíso ou nirvana. Associados a isso estão ensinamentos ou dogmas religiosos, rituais, orações, e assim por diante. Considero que a **espiritualidade** esteja relacionada com aquelas qualidades do espírito humano – tais como amor e compaixão, paciência, tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia – que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros (Dalai Lama apud hooks, 2020a, p. 224 – grifos nossos).

Assim, mesmo para quem os temas religião e espiritualidade são importantes, raramente falam sobre um ou outro seja na sala de aula ou quaisquer outros ambientes do universo acadêmico. Para a maioria, “a menos que uma aula tenha foco especificamente em religião, manter a sala de aula livre de afiliações e dogmas específicos é importante quando estamos trabalhando para criar uma comunidade de aprendizagem” (hooks, 2020a, p. 223). Além do que, acabam por enxergar a espiritualidade como prática ou a maneira como vivemos e nos relacionamos com o eu e com os outros no mundo (hooks, 2020a).

Nesse sentido, em 2018, quando entendi que havia a necessidade de cuidar de mim, mais especificamente de cuidar de minha desconexão comigo mesma, me distanciei de amigas de longa data e, por vezes, até de colegas de trabalho, com vistas a encontrar consolo. Para isso, a busca por um espaço religioso que me ofertasse esse conforto me pareceu necessária. Voltei a frequentar centros espíritas, neles mal estares físicos que não aconteciam antes passaram a ocorrer – desde enjoos, ânsia de vômito, fortes dores de cabeça – não conseguia me concentrar



e acompanhar as palestras, dormia, bocejava incansavelmente, tinha vontade de fugir, às vezes de gritar. Desisti dos centros espíritas e optei por voltar a frequentar igreja evangélica, fui a que minha irmã consanguínea frequentava, e lá não foi diferente do que aconteceu quando fui aos centros espíritas. Também desisti! Então voltei às missas aos domingos. E de novo os mesmos sentimentos e sensações, desisti. Então resolvi buscar uma tia paterna, que além de adepta, faz parte de um terreiro de culto à religião de matriz africana, o Candomblé. Pasmem! O mesmo aconteceu. Fui à um terreiro de Umbanda<sup>7</sup>, a época nem sabia que existia diferença entre ela e o Candomblé<sup>8</sup>, e lá, embora os sentimentos não tenham sido os melhores, pois o medo permeou a experiência, enquanto ouvia os cantos e os toques dos atabaques, senti meu espírito despertar. Para mim, não pareceu natural o que se sucedeu.

Como já havia mencionado no ato anterior, não sabia o que era incorporação, muito menos que ela envolvia tanto a percepção aguçada do ambiente – ao entrar em contato com um espaço ou alguém, pessoas sensíveis/médiuns<sup>9</sup> podem sentir mudanças de humor, mal estar, desconforto, bocejos; como reações físicas à presença de espíritos – a aproximação desses no campo energético de uma pessoa sensível/médium pode ser de repulsa ou conexão, em qualquer dos casos podem ocorrer tremores, transpiração, calafrios, calor ou frio nas mãos ou pés, o coração bater mais forte, um peso nas costas; os sinais são diferentes de pessoa para pessoa.

Por isso tão difícil quanto é definirmos o que exatamente se passa com o indivíduo no processo da incorporação, é reconhecer como se inicia a manifestação, nenhuma é igual a outra. Cada experiência vem acompanhada de sensações que além de particulares, dependem da variação natural de um dia para outro, do grau de concentração e entrega, da preparação ou não.

Se tudo isso explicava o que vinha experienciando mais intensamente no meu cotidiano, desde 2017, ao não saber identificar esses fenômenos físicos quanto ao ambiente e à aproximação dos espíritos no meu campo energético, somado ao meu equívoco em acreditar que a ciência e a religião se contradizem, por conseguinte a fé e o raciocínio seriam “inimigos” e não grandes “aliados” para o entendimento de mundo que vivemos, também não soube reconhecer que o sentimento de despertar do espírito ao som dos cânticos e dos atabaques era incorporação.

É oportuno mencionar que até ali, o que tinha de leigo conhecimento era que durante a incorporação, se perderia o controle de si mesmo e da consciência. O momento seria intenso, acompanhado de rodopios, cantos, danças, batidas no peito, gargalhadas, saltos no chão, movimentos que de maneira brusca e súbita ou lenta e gentil poderiam apresentar a pessoa incorporada.

---

**7** Religião pautada no respeito à natureza, a eternidade do espírito, a empatia e a liberdade. Tem base Espiritualista – devido a comunicação com os espíritos; Ritmada – em virtude do uso dos atabaques em suas liturgias; e, Ritualizada – já que conta com ritos litúrgicos que lhes são característicos.

**8** Na contemporaneidade, é uma caracterização genérica que se remete a comunidade religiosa afro-brasileira. Mas, originalmente significava dança e/ou instrumento de música. Como os povos escravizados se reuniam aos domingos, autorizados pelos seus “senhores”, para dançar nos chamados batuques, foi uma consequência a utilização do termo Candomblé para designar a própria cerimônia religiosa (VELAME, 2012).

**9** Entre as pessoas que se ocupam com o Espiritismo, são aquelas que podem realizar a comunicação com os espíritos. Para ser médium, seu desenvolvimento deve depender de si mesma tanto quanto permitam suas disposições ao direcionar a faculdade medianímica/mediunidade no emprego da caridade. Há os médiuns propriamente ditos, que reconhecem e trabalham sua mediunidade e uma multidão de pessoas, que aumenta todos os dias, que se ocupa com as manifestações espíritas. Todos somos médiuns, em maior ou menor grau, entretanto, trabalhar com essa faculdade medianímica depende do interesse pessoal a qual essa se apresenta (KARDEC, 2008).



Assim, não sabia que em todas aquelas visitas aos diferentes espaços religiosos que citei anteriormente, estaria sempre irradiada pela vibração de energias fossem de entidades/ guias<sup>10</sup> ou outros corpos energéticos e espirituais. E naquela primeira visita àquele terreiro de Umbanda, embora estivesse vivendo um momento específico, por um lado eu tinha consciência, a perda de memória não aconteceu, e por outro não controlava meu corpo, a fala, os movimentos e raciocínio não eram meus.

Saí de lá apavorada com o que tinha ocorrido, tinha uma dor de cabeça que parecia que ia me enlouquecer, pela noite tive inúmeros pesadelos e sentenciei não volto mais.

Passados meses desse episódio, quando me voltei às pesquisas sobre o que era incorporação, mediunidade, Umbanda, Candomblé, entidades, guias, nações<sup>11</sup>, giras<sup>12</sup>, xirês<sup>13</sup>, Orixás<sup>14</sup>, sessões extras na terapia, sonhos que mais pareciam revelações – aí já tinha começado a fazer a anotação do que sonhava e também discutia sobre isso nas sessões com a psicóloga (que acabou se revelando Umbandista) – entendi que tinha incorporado, que era médium e que tinha o livre arbítrio para decidir o que fazer, a partir dessa descoberta.

Lembram que quando comentei de um sonho, antes do episódio que ocorreu com a estudante em sala de aula, em 2018? Naquele sonho eu incorporava e caía no meio da sala, sendo amparada por uma amiga que conhecia desde 2016. “Coincidentemente (ou não)” essa mesma amiga estava frequentando um terreiro de Umbanda aqui em Salvador e me convidou para ir com ela. Não aceitei naquela época, talvez por medo, por fuga, porque as coisas se encaixavam demais, mas já estávamos em 2019 e minha vida que deveria estar ótima – pelo bom emprego, gozo de boa saúde e etc. – estava um caos.

Em abril de 2019, fui a um jogo de búzios e em seguida à uma gira, nesse último Terreiro de Umbanda que minha amiga frequentava, àquele momento já tinha alguma noção do que era incorporação. Contudo, perante a experiência que havia anteriormente vivido, não queria que se repetisse, em virtude do medo, da insegurança, além de ainda não compreender e aceitar

---

**10** Já viveram neste mundo físico, mas após a morte, alcançaram determinado grau de elevação/ evolução que retornam a terra, na condição de espíritos de caboclos, pretos-velhos – por exemplo –, cuja sabedoria os permitem atuar nos trabalhos de aconselhamentos espirituais e o benzimento, normalmente intermediados(as) pelos(as) médiuns do terreiro durante uma gira.

**11** As nações (Ketu e Ixexá – origem nagô; Angola – origem bantu; Jêje – origem daomeniana) agregam caráter simbólico, ideológico e político, baseados na tradição religiosa e ritual, sendo, portanto, diferenciadas as maneiras de tocar os atabaques (com as mãos ou varetas), os idiomas utilizados nos cânticos (iorubá, fon, por exemplo), a música e o ritmo também podem variar, do mesmo modo que, as vestimentas litúrgicas e os nomes das divindades (Orixás, Inquices, Voduns) serão distintos (VELAME, 2012).

**12** São as cerimônias da religião, cuja liturgia conta com um roteiro de atos que propiciam o desenvolvimento dos trabalhos espirituais. De maneira geral, o ritual segue de acordo aos conhecimentos e experiências do dirigente espiritual (pai ou mãe de santo) da casa, tenda, terreiro, centro (como podem ser designados os templos da religião).

**13** Nos rituais realizados pelas religiões de matriz africana ou afro-brasileira, há entrelaçamento do mundo religioso com o vivido, fundindo-os sob a mediação de um conjunto de formas simbólicas, que os torna um único mundo. No caso do Candomblé, o barracão é o espaço simbólico onde os rituais acontecem. A festa, o Xirê, é um desses rituais que fortalece e alimenta o simbolismo desse espaço, onde ocorre a dança aos deuses, que em roda giram e estabelecem essa ligação entre os dois planos da existência. O rito, com o movimento dos corpos em êxtase, em transe, emanando o fluxo de axé na esfera da experiência, concebida como as impressões que o psiquismo acumula na memória, de forma paulatina ao longo do tempo através da tradição, conserva a “aura” do lugar (VELAME, 2012).

**14** Os Orixás são as divindades nagôs, essencialmente as energias em estado puro, concentradas da natureza e do cosmos, como o trovão, o vento, as águas doces ou salgadas. Na Bahia, os escravos as reuniram em um panteão, o terreiro. Por isso, em um terreiro são cultuados diversos Orixás, diferentemente do culto na África, onde cada cidade ou região cultuavam uma determinada e específica divindade. Como sendo forças elementares que representam a natureza, são Orixás para os povos da nação ketu, mas que podem ser chamados Inquices quando se relacionam à nação angola, ou Voduns, se estiverem ligados à nação jêje (VELAME, 2012).



com naturalidade a mediunidade. Mesmo assim, imaginava que indo, os sentimentos se acalmariam, que iria me equilibrar. Mas não aconteceu bem isso, além dos mal estares físicos que ocorriam quando ia à centros espíritas, igrejas – talvez até mais intensos – outros começaram a ocorrer, o suor excessivo, os tremores no corpo, o coração acelerado e quanto mais os sentimentos afloravam, mais tentava esconder ou controlá-los, principalmente, quando os movimentos se iniciaram, o erguimento de braço, os gritos. Deixá-los acontecer era como se aceitasse o que ocorria e como assim meu corpo e pensamento poderia ser “controlados”? Como eu saberia se era um espírito do bem ou do mal?

A racionalidade era tamanha que precisava de provas, como se a incorporação, a mediunidade, a ancestralidade fossem experimentos científicos, ou, como no ditado popular “é preciso ver para crer”. Como se o bem e o mal não fossem apenas construções de um pensamento eurocêntrico para dissipar aquilo que não correspondia aos dogmas, a liturgia e crenças da igreja católica. Enfim, não entendia que a mediunidade exigia tanto nossa fé quanto nossa entrega à espiritualidade superior, e que isso tudo partia primeiro da confiança em nós mesmos. Portanto, o que havia era/é a necessidade de entrega ao aprendizado constante e diário.

Foi preciso que o ano de 2019 transcorresse para que essas descobertas fossem sendo aos poucos encontradas e assimiladas, incluído o conhecimento de que antes do momento específico da incorporação, a entidade ou o guia espiritual se mostra presente e os sinais dessa aproximação, vamos aprendendo a identificar, e não é preciso sentirmos os fenômenos físicos para acreditarmos nessa presença.

Escrevendo assim, posso transmitir a falsa sensação de que esses momentos foram acontecendo, aos poucos fui assimilando, aprendendo e pronto. Mas, o que ocorreu e ainda ocorre não foi/é bem assim. Foi doloroso, permeado de questionamentos, por dúvidas, por buscas, por explicações. Embora, certamente a intensidade dessas manifestações tenha lenta e gradualmente se assentado.

É oportuno mencionar que, além do desconhecimento quanto à incorporação existia ainda a sensação racional de não pertencimento ao terreiro, e a irracional de que era ali que deveria seguir, tanto é que não desisti, não desta vez. Ao frequentar esse Terreiro de Umbanda, desde a minha primeira ida em 12 de abril de 2019, uma relação foi sendo construída entre mim e o terreiro, em todos os aspectos, particularmente, com relação ao seu dirigente e quanto a sensação de pertença – processo que foi permeado por dúvidas, mas “estranhamente” sem buscas a outros espaços, ainda que vez ou outra surgisse à vontade, não tive essa necessidade.

Em 2020, com início da pandemia do coronavírus no mundo, a suspensão de todas atividades, bem como a necessidade de isolamento social, foi marcado por episódios de desmaios, incorporações – seguidas da psicografia de mensagens para pessoas conhecidas e próximas ou conhecidas e distantes ou desconhecidas –, de momentos de perda da consciência, de descontrole do corpo e da mente por horas, de sonhos que traziam mensagens cada vez mais claras e direcionadas, dos zumbidos e oscilações de vibração nos ouvidos – a qualquer hora do dia ou da noite –, da visão e dos sobressaltos com presenças às vezes sutis outras nem tanto.

Foi um ano marcado pelas turbulências, pelos altos e baixos, que de alguma maneira se repetiu em 2021. Todavia, foi justamente aí que o contato com o pai de Santo do referido Terreiro de Umbanda foi se estreitando, às vezes com maior atenção, cuidado e acolhida, outras nem tanto. O que fazia esse caminhar oscilar entre tranquilo e leve ou agitado e pesado/lento. Caminhar que foi se encontrando, quando ainda em 2021, passo a contar com o apoio de três médiuns da corrente, cujo cuidado foi me trazendo algum conforto, segurança, entendimento. Toda essa

atenção do pai e médiuns foi me fazendo perceber que o que vinha ocorrendo não acontecia só comigo, era um despertar, e como tal variava a intensidade de pessoa para pessoa, só que não poderia entrar em desespero ou pânico. Pouco a pouco, no seu tempo, tudo iria se alinhando.

Estamos em 2022, e ainda hoje me questiono sobre tudo, inclusive “Sou eu ou o guia?” Embora aos poucos tenha descoberto a resposta, de que se trata dos dois, já que estou sempre presente, portanto, também sou responsável por tudo o que acontece durante a incorporação, como médium consciente começo a entender, a aprender e a desenvolver uma parceria com essa “guiança”.

Passados esses apenas cinco anos, posso dizer que a espiritualidade é sábia e não faz nada por acaso. Fui trabalhar num local muito próximo a atuação de um forte campo energético<sup>15</sup>, o despertar aconteceu na minha vivência cotidiana – sala de aula –, as pessoas que me auxiliaram naquele momento, de algum modo, estavam ligadas à espiritualidade, desde a professora espiritualista, a psicóloga umbandista e a amiga que me acolheu também adepta dessa mesma religião. Em outros termos, para tudo até aqui houve um propósito, uma explicação, para tudo que se seguirá a partir daqui também existirá.

Entretanto, é um fato, o desequilíbrio espiritual/mediúnico pode repercutir nos distintos aspectos de nossa vida pessoal e profissional. Por isso a importância da busca pelo conhecimento, da necessidade de aprendizado, desenvolvimento espiritual, de conhecer a nós mesmos e aqueles que escolheram nos guiar nesta vida. Não basta que sintamos a presença do guia ou da entidade espiritual, é necessário confiar e acreditar neles, por conseguinte, na própria incorporação. Para que isso aconteça é preciso que se estabeleça intimidade entre nós e os guias, e somente o tempo é capaz de construir essa relação.

Considero que o processo de evolução espiritual tanto fortalece nossa vida, em todos os sentidos, como ao longo do tempo vai facilitando a aceitação de outros processos que fazem parte das distintas camadas de nossa vida, inclusive, a própria mediunidade. Embora isso tudo possa, eventualmente, soar como natural, quando estamos vivenciando esse processo, podemos acabar vendo a espiritualidade baseada na premissa de que “a vida é sofrimento”. E quando associamos a essa dimensão, outras que são particularmente nossas, como a de se descobrir e se aceitar negra, além da compreensão de que tudo isso foi visto, aparado, cuidado, acolhido dentro das estruturas de uma religião específica, a Umbanda – ligada à matriz africana –, completamente distante da consciência e da totalidade de vida que tinha, é como se nascesse outra vez.

Pelo exposto, ainda que nesta escrita de alguma maneira tenha focado nos sonhos, nas intuições, nas incorporações, esse despertar foi/é muito mais amplo, complexo e profundo. Volta-se às mais diversas camadas do nosso Eu, adentrá-las e descortiná-las, é entender-se, aceitar-se, é ser ou descobrir-se mulher negra, acadêmica e ancestral.

---

15 Terreiro *Ilé Íyá Omi Áse Ìyámase* ou Terreiro do Gantois.



### 3º ato: o desvelar de uma mulher negra, acadêmica e ancestral

*Quando o assunto é se posicionar, o conteúdo do que é dito é mais importante do que os atos discursivos (hooks, 2021, p. 18).*

Em 29 de julho de 2020, resolvo iniciar essa narrativa. Há época auge da pandemia do coronavírus no Brasil e no mundo. Todas as atividades sociais estavam suspensas, incluindo as acadêmicas, e assim como muitas outras pessoas, longe do trabalho e da família, assumo uma postura de me voltar para dentro.

Não sem antes, assumir o choque, com mil preocupações e questões: me entregar ao trabalho, às leituras, aos filmes, às séries? Como lidar com aquele contexto completamente novo, que a humanidade já havia enfrentado em outros momentos, com epidemias e guerras, mas a qual a grande maioria das pessoas no século XXI só conhecia dos livros, filmes, documentários, músicas? Acho que como todos, vivi um pouco de cada momento, teve o da redescoberta do cozinhar, o de só assistir, o de só trabalhar, o de só ler e enfim o momento, que no dia a dia tão corrido não há tempo, de me conhecer.

Aquele momento além da necessidade de me descobrir, havia também uma voz silenciosa que dentro de mim ia ampliando sua altura, fazendo eclodir uma necessidade que as ideias, os incômodos, as inquietudes que não se aquietavam, pudessem circular. E que essa circulação pudesse colaborar para que pequenas ou grandes mudanças nas dobras de mim mesma ocorressem, bem como talvez em outras mulheres com a mesma ou semelhante trajetória de vida. Assim, ao escrever provooco uma cura em mim, ao escrever posso reinventar e renomear o que sei e sinto, ao escrever recorro, e ao fazê-lo me coloco frente à pelos menos dois ciclos: o da reconciliação e o do recomeço.

O primeiro, da reconciliação, se constitui, inclusive, em descobrir, aceitar e acreditar na própria história e que seu relato, portanto, não é tarefa simples, como pode parecer. Acessar determinadas memórias nos leva simultaneamente a ferida, a negação, a culpa, a vergonha, o reconhecimento e a reparação (KILOMBA, 1968).

Porque imaginem acessar a **ferida** ao ler “Eu chegava a colocar toalhas na cabeça quando estava em casa para simular fios mais longos” (RIBEIRO, 2018. p. 14). No meu caso a toalha tinha que ser amarela, para ser loira e esconder as tranças apertadas. Ou ainda, “era um ritual de tortura, no qual ela acendia uma boca do fogão, deixava o pente de ferro ali até ficar pelando e passava nos fios. Aquilo era comum, mas inúmeras vezes o cabelo queimava: você sentia o cheiro e via os fios se desfazendo. Podia-se até queimar o couro cabeludo nos piores casos” (RIBEIRO, 2018. p. 14) e para atenuar o odor, eu borrifava perfume.

Até ler as passagens anteriores na introdução do livro “Quem tem medo de feminismo negro?” intitulada “A máscara do silêncio”, não me reconhecia como negra. Embora, parafraseando Souza (1983, p. 17 - alterações nossas), “a descoberta de ser negra [seja] mais que a constatação do óbvio”, afinal fenotipicamente tenho cabelos crespos, cacheados e bastante volumosos, nariz largo, beiços grandes, quadril largo, cintura fina, corpo negro e não retinto, o estereótipo da “morena clara” ou da “mulata”. O fato de não ser retinta, não me permitia me colocar no lugar de me reconhecer negra, ainda que aqueles que estiveram ao meu redor, ao longo da vida, sempre o fizessem.

Ao ler o referido texto, minhas memórias me levaram de volta para a infância, quando com seis ou sete anos, fiz a primeira sessão de amaciamento do cabelo. Me lembrei das almofadas sendo colocadas para que pudesse alcançar o lavatório, o cheiro da pasta azul que era passada nos cabelos, os bobs enormes colocados nos cabelos ainda molhados e o secador que parecia que ia “engulir” minha cabeça, que doía tanto pela forma apertada como os bobs eram presos, como pelas ocasionais feridas resultantes da pasta azul ter tocado o couro cabeludo. Dali, as memórias me levaram a um ou dois dias depois, quando chego à escola e a sala de aula balançando os cabelos, afirmando que as presilhas não os seguravam, com a certeza de que meus cabelos tinham deixado de ser “ruins”. As colegas após o intervalo me levam ao bebedouro e me fazem molhá-los, certamente deveriam ter ouvido de algum adulto que o alisamento teria sido à ferro quente, logo ao molhar voltariam ao “normal”. Eu, a criança mais feliz do mundo naquele dia, enfiei a cabeça embaixo d’água, depois sai sacudindo os cabelos em baixo do sol, com a certeza de que seu calor e o vento os secariam e permaneceriam lisos. Daí para o encontro com minha irmã e tia, que nos buscava na escola, e seus olhares de espanto com o estado que me encontrava, somados a afirmação “mainha vai te matar, quando ver isso”. Mas, eu sorria, com a segurança e inocência infantis: “até chegar em casa, já estarão secos, e ela nem vai notar!” Chegamos em casa, e minha mãe se descontrolou ao me ver, não sei se por mim ou pelo que aconteceu. Com o pente e o creme de pentear, como se fossem armas, me colocou entre suas pernas e ao desembaraçar os cabelos e colocar os bobs outra vez, em fúria, falava e falava o quanto as pessoas eram más, e até me deu uns tapas como se eu fosse a culpada. Eu chorava e escutava, as lágrimas escorriam no rosto e não entendia o que se passava, porque tanta raiva? Meu cabelo não tinha ficado “bom” para sempre? A inocência da infância pode nos salvar ou nos fazer negar a realidade. Voltei no dia seguinte para escola, sem o brilho e alegria nos olhos do dia anterior, mas com a cabeça erguida e os cabelos ainda bonitos, pois não tinha sido ferro quente. Para aquele momento era suficiente para mim, provar às colegas que ainda tinha os cabelos bonitos e lisos, mesmo que não fosse para sempre.

Tinha apenas seis ou sete anos, não havia sido educada em casa com a consciência – habilidade de perceber, vivenciar e saber – sobre ser negra, reconhecia os colegas negros, afinal tinham outra cor, eram pretos, mas eu não era negra, minha pele não era “escura”. Logo, não tinha consciência que tinha passado por uma situação de racismo, não tinha a experiência de consciência tampouco a totalidade de que aquele fato me fez vivenciar as dualidades de um mundo perverso e cruel. Foi preciso adulta, com quase 40 anos, ler um livro e identificar essa *ferida*.

Aliás, não apenas essa *ferida*, como que num mergulho, outras foram emergindo. Eram as danças e apresentações em festas da escola, quando sempre ficava atrás, nas últimas filas, juntos com demais colegas negros, mesmo que fosse a única que soubesse o passo da dança que seria apresentada ou a melhor interprete para o protagonismo de uma peça, nunca era princesa, sempre era árvore, a borboleta, etc. Quando finalmente pude ser uma fada, a emoção foi tanta que adoeci e não lembro de ter conseguido interpretar a personagem, muito menos como foi a peça na escola. Ainda que tenha a foto feita em casa, dias depois, com o mais lindo sorriso e orgulho do vestido e da personagem que teria sido um sucesso, de acordo com minha mãe. Ou ainda, o dia que vai ser feita uma fotografia na escola, aquela que todo estudante tem sentado com os braços sobre uma mesa, uma foto meio artística. No meu caso, meses depois do episódio do cabelo acima descrito, e aquele momento, já usando tranças outra vez, certamente não permitiria que as colegas vissem meu cabelo solto e não mais liso, seria a constatação de que elas estavam certas, meu cabelo era “ruim” e fui a única da escola a não ter o registro, pela vergonha do cabelo.

Como afirma Kilomba (1968, p. 43), identificada a *ferida*, vem a **negação**:

um mecanismo de defesa do ego que opera de forma inconsciente para resolver conflitos emocionais através da recusa em admitir os aspectos mais desagradáveis da realidade externa, bem como sentimentos e pensamentos internos. Essa é a recusa em reconhecer a verdade.

Todavia, esse mecanismo de negação na infância e ao longo de toda a vida adulta vinha passando por alterações. Em 2015, tinha deixado de alisar o cabelo, por questões relacionadas à saúde. A labuta em aceitá-los perdurou até janeiro de 2019, quando tive a oportunidade de fazer minha primeira viagem internacional. E como Adichie (2014) traz em seu romance *Americanah*:

O único motivo pelo qual você diz que a raça nunca foi um problema é porque queria que não fosse. Nós todos queríamos que não fosse. Mas isso é uma mentira. Eu sou de um país onde a raça não é um problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos (ADICHIE, 2014 – grifos nossos).

A passagem se refere a uma conversa entre a protagonista do mencionado romance, Ifemelu, e outros/as personagens acerca da discussão de raça, a candidatura de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos e a situação dela de só ter se reconhecido negra quando saiu de Lagos, na Nigéria. Como ela, eu precisei ir para Europa, para começar a entender quem eu era de verdade, uma mulher negra. Foi lá que, quando num passeio pelo *Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía*, fui parada no elevador pelos olhos inquisidores de uma mulher e uma criança sobre meus cabelos, que estavam soltos, volumosos e bem cacheados, e ela perguntou se poderia tocar e ao tocar exclamou “são macios!”. Sai do elevador revoltada, porque ela perguntou e já foi tocando, sem me dar tempo de autorizar e ainda disse que eram macios, e porque não seriam?

Foi a partir desse episódio que passei a notar durante o restante da viagem que era olhada diferente nos lugares, quando entrava nos restaurantes todos, ou quase todos, ou todos que minha visão conseguia abarcar, viravam para olhar, nas lojas, nos museus... Ou seja, no meu país, desde a infância já havia passado por situações veladas de racismo, mesmo que inconscientemente as negasse. Todavia, não me lembrava de ser a diferente, pois pelo menos para mim estava mais próxima de parecer fenotipicamente com a miscigenação aqui encontrada.

Como Ifemelu, também retrata no romance, quando em conversa sobre seu retorno a Lagos, na Nigéria, a fez não se ver mais negra, pois todos eram como ela:

“Ainda está escrevendo um blog?”

“Estou.”

“Sobre questões raciais?”

“Não, só sobre a vida. Falar sobre questões raciais não funciona bem aqui. Quando saí do avião em Lagos, me senti como se tivesse deixado de ser negra” (ADICHIE, 2014 – grifos nossos).

É oportuno dizer que a leitura de *Americanah*, assim como outros<sup>16</sup> da mesma autora, “Quem tem medo de feminismo negro?” e “Lugar de fala” – de Djamila Ribeiro, além de alguns que já foram citados ao longo desta narrativa, ocorreram seguidamente, estávamos no início da pandemia do coronavírus, em 2020. Com todas essas leituras, a identificação de que tinha uma

---

16 Meio Sol Amarelo, Hibisco Roxo, O perigo de uma história única, Para educar crianças feministas: um manifesto.

vontade em ser aceita nesse mundo de padrões eurocêntricos, foi literalmente sendo percebida. A tomada de consciência sobre a totalidade do ser negra foi sendo processada, a cada nova leitura, uma outra memória emergia.

Como por exemplo, quando ainda no primeiro ato deste material, mencionei que na adolescência me dedicava aos estudos, como uma forma de fugir dos pensamentos, das vozes e sonhos que me “atormentavam”, mas não era só isso, era também uma forma de me fazer notada pelos colegas. Quando li a escrita de Ribeiro (2018) parecia muito mais ser eu escrevendo sobre mim:

Ser a CDF evitou que eu fosse xingada algumas vezes [...]. Descobri que podia fazer com que os outros alunos *precisassem* de mim. Ajudava-os a estudar, fazia a lição por eles, passava cola. Vivia explicando para os outros as matérias que dominava bem (RIBEIRO, 2018. p. 13 – grifos da autora).

Afinal, quantas vezes reuni os colegas em casa em véspera de avaliações para explicar o conteúdo do que ia cair na prova? Quantas vezes não assinei o rascunho e o repassei com as respostas das questões? Quantas vezes fiz o trabalho de amigas, que tiravam inclusive notas maiores que as minhas? Até ler tudo isso, contava com orgulho tudo isso, achava até engraçado, contudo, ao ler esse livro fui entendendo que existia além da necessidade de ser aceita e reconhecida pelos colegas, havia também a de ser a melhor, precisava me destacar e ser vista:

Ser o melhor! Na realidade, na fantasia, para se afirmar, para minimizar, compensar o “defeito”, para ser aceito. Ser o melhor é a consigna a ser introjetada, assimilada e reproduzida. Ser o melhor, dado unânime em todas as histórias-de-vida (SOUZA, 1983, p. 40).

Dito em outros termos, fui notando que ao longo de minha vida sempre houve a sensação de não pertencimento, ela era constante e me machucava, mas eu jamais comentei a respeito, não tinha nem consciência. Foi aquele momento de introspecção propiciado pelo contexto, início de 2020, que foram me permitindo pelo acesso à autoras negras e suas histórias a começar a ter esse entendimento. Ser negra não é um defeito, portanto, não há um problema em se reconhecer e assim se aceitar.

As *feridas* vinham sendo descobertas, ao mesmo tempo que a *negação* quanto a sua existência ao longo de uma vida. E como sinaliza Kilomba (1968, p. 44), após a *negação* vem a **culpa**, “[...] estado emocional no qual o indivíduo vivencia o conflito de ter feito algo que acredita que não deveria ter feito ou, ao contrário, de ter feito algo que acredita ter sido feito”.

Como numa efervescência, minhas memórias e minha consequente tomada de consciência, me fizeram notar também que os sentimentos de culpa e inferioridade, insegurança e angústia que me acompanharam e me atormentaram ao longo da vida, eram efeitos da autodesvalorização de mim mesma. Tal como se depreende de Souza (1983), esses efeitos se recriam ainda com a timidez, o retraimento e a ansiedade. Sentimentos que, segundo a autora, o indivíduo impõe a si mesmo quando intimidados e decepcionados consigo próprios por não responderem às expectativas que se colocam.

Ou seja, todos os sentimentos que fazem parte de mim hoje, são muito provavelmente consequência de uma vida não reconhecida, mesmo que vivida. E esse processo de reconciliação comigo mesma trouxe as *feridas*, a *negação*, a *culpa* e ainda traz a vergonha “o medo do ridículo, a resposta ao fracasso de viver de acordo com o ideal [...]” (KILOMBA, 1968, p. 45). Para a autora,



A vergonha está, portanto, conectada intimamente ao sentido de percepção. Ela é provocada por experiências que colocam em questão nossas concepções sobre nós mesmas/os e nos obriga a nos vermos através dos olhos de “outras/as”, nos ajudando a reconhecer a discrepância entre a percepção de outras pessoas sobre nós e nossa própria percepção de nós mesmas/os: “Quem sou eu? Como as/os “outras/os” me percebem? E o que represento para elas/eles?” (KILOMBA, 1968, p. 45).

Naquele momento de autorreconhecimento, estava com vergonha de mim mesma, por ao longo de quase 40 anos não ter me notado como sou. Com isso, vinham aparecendo outras memórias, como lembrar que na infância me achava feia, por isso queria ser freira, que invejava outros corpos, os brancos, tal como os depoimentos de entrevistados constantes na obra “Tornar-se negro...” de Neusa Santos de Souza trazem,

Eu me achava muito feia. Quando eu tinha seis, sete anos eu queria ser freira. Eu pensava assim: gente feia casa com gente feia. Eu sou feia, não quero casar com gente feia. Vou ser freira... Era muito invejosa: inveja do físico das pessoas – achava que as pessoas eram muito mais bonitas do que eu (Luísa apud SOUZA, 1983, p. 29)

Com essa escrita e retomada de situações presentes em outras obras, pode até parecer que desejo forçar uma situação, mas ler esses depoimentos, me fazia me ver neles, uma constatação. Afinal, além de me sentir feia, querer ser freira, invejar corpos brancos, também falava sozinha, fosse comigo mesma no espelho, fosse com os amigos imaginários que tinha, até os mencionei no primeiro ato deste texto. Como a Luísa de Tornar-se negro, eu colocava o pregador de roupas no nariz e ia para traz da porta, com a intenção de afiná-lo.

Contavam que (quando era pequena) falava muito sozinha, tinha amigos invisíveis, falava muito na frente do espelho: era uma sensação de me sentir, de me reconhecer, de identidade minha. Falava comigo mesma, me achava muito feia, me identificava como uma menina negra diferente: não tinha nenhuma menina como eu. Todas as meninas tinham o cabelo liso, o nariz fino. Minha mãe mandava eu botar pregador de roupa no nariz pra ficar menos chato (Luísa apud SOUZA, 1983, p. 35).

Reconhecer todas essas vivências até aqui relatadas por mulheres negras, me fez enxergar que era negra, embora minha pele não seja preta, ou o que poderia explicar tantas situações iguais? Tal como sugere Kilomba (1968), o **reconhecimento** segue a *vergonha*, e “[...] é, nesse sentido, a passagem da fantasia para a realidade – já não se trata mais da questão de como eu gostaria de ser vista/o, mas sim de quem eu sou; não mais como eu gostaria que as/os ‘Outras/os’ fossem, mas sim quem elas/eles realmente são” (KILOMBA, 1968, p. 45-46). Diante de tudo isso a resposta à pergunta “Quem sou eu?” não poderia ser outra, sou uma Mulher Negra, Acadêmica e Ancestral, sim!

Esse foi um processo de descoberta e aceitação, durou boa parte de 2020, e resultou no reconhecimento de mim mesma, junto com o qual veio a reconciliação – a necessidade de recordar e de manter escrita essa experiência – que também me ensinou, que além de cura, auto crescimento, conhecimento e mudança de posicionamento, a escrita é um ato político, e como tal não deveria ficar guardado em algum lugar, por segurança. Pelo contrário, o conteúdo do que falei pela escrita enseja um recomeço.



Esse recomeço não quero que seja pautado na insegurança do: será que meu dizer será ouvido? Não! Gostaria que esta narrativa seguisse ao que propõe Kilomba (1968), que a **reparação** segue ao *reconhecimento*, portanto, significa a negociação do reconhecimento. Ou seja, quando,

o indivíduo negocia a realidade [...]. esse último estado é o ato de reparar o mal causado pelo racismo através da mudança de estruturas, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário, ou seja, através do abandono de privilégios (KILOMBA, 1968, p. 46).

Por conseguinte, se a reparação propicia mudanças e se desde o “curso primário eu era a primeira aluna da sala. Adorava estudar. Minha afirmação sempre foi o estudo [...]”, se “[...] a glória nos estudos era um papel que eu já tinha cumprido e que iria me acompanhar o resto da vida [...]” (SOUZA, 1983, p. 39), então que seja a escrita, um dos frutos dessa glória, que permita não apenas a reconciliação, mas um recomeço, pois,

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (SOUZA, 1983, p. 17-18 – grifos nossos).

### 4º ato: em carnavais de mim

Este último ato, ainda que tenha a intenção de encerrar a narrativa, não finaliza minhas inquietações, despertares, aceitação. Como aponta hooks (2021, p. 20-21) devemos seguir na luta “[...] para romper silêncios, e encontrar e/ou celebrar o alcance da voz. Encontrar nossa voz e usá-la, [...] afastando o medo, continua a ser uma das formas mais poderosas de mudar vidas por meio do pensamento e da prática [...]”.

Por isso, e depois de tudo que foi narrado e exposto como um exercício de auto recuperação de mim mesma, me pareceu oportuno dizer que os atos que compuseram a narrativa foram uma opção didática e metodológica para tentar expor o que se passava. Entretanto, eles estiveram atravessados, ocorreram em paralelo, iniciados com meu ingresso na docência do ensino superior de uma universidade pública, culminado pela ancestralidade/espiritualidade ligadas à Umbanda e ratificado com o acesso e leitura de uma literatura de autoras negras.

Para mim, os atos podem tornar fluído um processo cheio de camadas e de “confusões” cuja poesia, elaborada com inspiração em parte desses momentos, vem encerrar a narrativa e recriar as potencialidades que o resgate da história de uma mulher negra pode ofertar a outras.

Após muitas conversas por ligações telefônicas, trocas de mensagens em aplicativos de redes sociais, nos últimos dois desses cinco anos de descobertas. A amiga-poeta surge, primeiro tímida, mas com escuta atenta, depois conselheira sábia, que cuida, acolhe e ampara nos momentos mais delicados, tendo sempre tempo e dedicação aos mais diversos ciclos que passei. E traduz em versos e rimas, as eferescências e camadas desse despertar.

*Em carnavais de mim, farei sambas de roda e giras  
Macumbas, mirongas e festivas*

*Em carnavais de mim, pretos e pretas velhas dançam  
As saias das moças rodopiam  
Gargalhadas cortam o mal como navalhas  
O boi bebe e o cavalo manca*

*Em carnavais de mim, soprarei baforadas mágicas das charuteiras  
Lustrarei meus olhos no espelho de Oxum com lágrimas doces  
Em carnavais de mim, tudo brilha como purpurina  
Arde e queima como a pimenta da baiana*

*Em carnavais de mim, farei do meu corpo passeio público de  
Aruanda  
Campo Grande dos Cablocos*

*Beijarei a boca dos filhos de Gandhi para botar minha guia na Lapa  
Em carnavais de mim, como capitã de areia faço saltos e piruetas  
no cais do Porto da Barra  
O mareado dos olhos gordos lançarei no fundo do mar*

*Sujarei as entranhas das minhas unhas com areia e terra das calun-  
gas para cavar com minhas próprias mãos as covas da escravidão  
E quando eu me cansar, as forças dos estivadores irão me erguer  
em abraços largos e ombros amigos, em carnavais de mim  
E quando a noite for de escuridão e insônia, serei embalada num  
sono doce e profundo, antes do sol nascer, pelo balanço da jangada  
do pescador e o canto das águas*

*Em carnavais de mim, a lavadeira baixará na quarta-feira de cinzas  
para me lavar com seu sabão de coco  
e só vai subir depois que eu botar roupa de sexta-feira para quorar*

*Em carnavais de mim, onde eu e meu povo somos um só corpo, cui-  
daremos de mim com muito mais amor e proteção que um pivete  
da Avenida Sete já desejou*

*Em carnavais de mim, eu serei para sempre corpo encantado, má-  
gico, povoado pelas ruas de Salvador*

*Em carnavais de mim, serei corpo, fogo vivo, vendaval e calmaria.  
Pedrinha miudinha e lajedo tão grande da Chapada Diamantina.*

Fernanda Machado, em 06 de abril de 2022

## Referências

- ADICHIE, C. N. **Americanah**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014 (Tradução: Julia Romeu).
- ALMEIDA, M. d. **A voz, a coragem e a ética feminina** – prefácio à edição brasileira. In: DEVULSKY, A. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021 (Coleção Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).
- GONÇALVES, A. M. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- hooks, b. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021 (Tradução: Kenia Cardoso).
- \_\_\_\_\_. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020a (Tradução: Bhuvi Libanio).
- \_\_\_\_\_. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020b (Tradução: Stephanie Borges).
- \_\_\_\_\_. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019a (Tradução: Catia Bocaiuva Maringolo).
- \_\_\_\_\_. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019b (Tradução: Stephanie Borges).
- KARDEC, A. **O livro dos médiuns**. São Paulo: IDE, 2008 (Tradução: Salvador Gentile, Revisão: Elias Barbosa).
- KILOMBA, G. **Memória da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 1968 (Tradução: Jess Oliveira).
- LEAL DE SOUZA, A. E. **O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda**. Rio de Janeiro, 1933. Disponível em: <[https://www.mataverde.org/arquivos/livro\\_leal\\_souza.pdf](https://www.mataverde.org/arquivos/livro_leal_souza.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- LINARES, R. A.; TRINDADE, D. F.; COSTA, W. V. **Iniciação à Umbanda**. São Paulo: Madras, 2008.
- MACHADO, F. **Em carnavais de mim**. Capão, 2022 (*in mimeo*).
- RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SARACENI, R. **Fundamentos doutrinários de Umbanda**. São Paulo: Madras, 2012.
- SOUZA, N. S. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- VELAME, F. M. **Arquiteturas da Ventura: os terreiros de candomblé de Cachoeira e São Félix** – vol. 1. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

